

RESSURGIMENTO

SEMANÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, **ANTÓNIO-LINO**Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesse

PALAVRAS CLARAS

NAQUELE desejo forte de vida, sabendo bem morrer na defesa da sua Terra, firmaram os lusitanos as primeiras radículas dum Povo e ergueram o primeiro Padrão, distanciado nos séculos, esboçando uma Pátria. Vencidos pela traição, arrastaram longos séculos de cativo, mas, sem esquecerem a sua origem, gradualmente se adaptaram à nova civilização cristã: baptizados em Cristo, regressaram à vida.

A' voz do moço Infante Afonso Henriques fundamos uma Nação, que corre, se alarga, conquista e faz um Mundo Novo. Um dia parece querer perder-se e de novo para para de novo se erguer em nova seiva criadora. Falsas doutrinas e falsos apóstolos a descaminham, mas a sua alma eterna reage e firma a sua vontade de seguir-se a si mesma, na voz da sua juventude.

E' o erguer duma Nova Lusitânia, orgulhosa do seu passado, confiante no seu futuro, que proclama bem alto o seu programa e ergue a sua voz, a sua Bandeira, numa imposição moral que um dia, para salvarem o Mundo, os outros têm de seguir obedientes.

E para que a nossa voz seja a voz unisona dum Povo que sabe o que quer e para onde vai e qual a sua missão e mandato no Mundo, necessário se torna que, quais cavaleiros medievos, primeiro olhemos para nós próprios, vencendo-nos, dominando-nos, conhecedores plenos das nossas responsabilidades, sacrifícios a fazer e honrarias a receber.

Será essa a maior homenagem que poderemos prestar, neste ANO SANTO da nossa nacionalidade, à memória daqueles que esboçaram, ergueram e restauraram a Nação Portuguesa. Saibamos, por isso, tirar desta hora grande da vida de Portugal, tódas as energias necessárias para formarmos uma consciência nacional sã, uma mentalidade nova, sólida, unida, forte, que domine a vontade. Separemos o trigo do joio, saneemos tudo o que de podridão existe ainda a envenenar o nosso sangue, o sangue da gente moça. Eduquemos esta no amor de Deus e da Pátria, do Dever e da Honra, da Verdade e da Justiça.

E' que o mundo novo a formar só será grande e são com o esforço e vontade da juventude.

Rapazes, em vós eu creio, pois estou plenamente convencido do valor e das possibilidades da nossa Raça e de que projectaremos no futuro a Nossa História.

Com uma mentalidade formada já ao calor do nosso nacionalismo, educados já nas novas escolas dos nossos verdadeiros Mestres, bem sei que muitos nos não compreendem. Também nas suas maneiras de viver, nas suas personalidades falsas ou nulas, nos seus malabarismos políticos, nos seus vai-vens de vi-deirinhos e arranjistas, sobrepondo a verdade à mentira, a traição à lealdade para se servirem e alcançarem seus fins — também nós não os compreendemos.

E' essa a razão por que continuamos na luta, por que não nos entendemos. Um abismo nos separa, por mais que eles o queiram encobrir. O mais pequenino incidente os obriga a desmascararem-se e a aparecerem tais quais são: os mesmos politiquinhos de sempre, imbuídos ainda dos venenos que respiravam no ambiente em que viveram, demagógicos, personalistas, servindo-se de tudo para alcançarem os seus fins, trepando e mantendo-se pela sua esperteza arteirosa, não pelo seu raciocínio e inteligência — não que o labor destes é canseroso e pode matar!

Já basta de contemporizações para com este estado de cousas. E' preciso cortar o mal pela raiz, de maneira a não ficar dele nem a lembrança sequer. Não se admite que rapazes, nascidos já na Ditadura, venham encontrar ainda espécimens dos velhos politiquinhos e maneiras de agir da mesma época. Moço das primeiras horas, que nunca serviu homens mas o seu Ideal aprendido nas lições dos Mestres e dos realizadores dele, neste falar bem alto eu posso dizer as verdades, embora os dúbios e as boas-pessoas as acham duras.

E amando a verdade é preciso dizer bem alto que muita mentira e incoerência encontramos; que muitos subiram a ocupar lugares, não pelo seu valor ou necessidade imperiosa, mas por pequenas vaidades sem importância, sem visar o bem comum e o encaminhar da nossa revolução. Serviram-se da mocidade como degrau da escada, mas a gente moça há-de provar que não sabe andar de jugo — sabe o que quer.

Podem ter vitórias passageiras, comprando consciências. Mas não terão a vitória profunda, do futuro. Essa pertence à nossa mocidade e é nossa.

A nossa idade é a sua melhor garantia.

ANTÓNIO-LINO,

Como Chefe da Nação Portuguesa, saúdo comovidamente, no limiar do Ano Novo, a todos os portugueses. Onde quer se encontrem e exerçam a sua actividade — no continente, nas ilhas, nos domínios ultramarinos ou em países estrangeiros — sinto que a todos une o mesmo afecto a Portugal, todos vibram com o puro amor da nossa pátria; todos estão empenhados na mesma tarefa de engrandecimento nacional.

Em 1940, vamos celebrar o 8.º centenário da nossa existência de nação livre, e este facto raro no concerto dos povos, se é motivo de grande alegria para os portugueses, também a todos impõe especiais responsabilidades. Somos na verdade os herdeiros duma grande tradição, os depositários duma riqueza inapreciável constituída pelos sacrifícios, feitos heróicos, empreendimentos de toda a ordem, descobertas, conquistas de gerações sucessivas. Ao seu esforço devemos a existência e independência da Nação, a grandeza da sua História. A nós cabe continuar essa história gloriosa com o sacrifício e esforços que bem podem não ser inferiores, embora dispendidos em muito diversos empreendimentos.

As solenidades que preparamos para 1940, como a grande festa da família portuguesa, têm o confessado intuito de nos afervorar no nosso patriotismo com a contemplação do passado e encorajar-nos para tudo quanto esse passado exige das gerações presentes.

Celebramos a nossa festa quando a guerra aflige muitos povos e sobre todos se fazem sentir as graves repercussões de conflito. Não pode o facto deixar de comover-nos profundamente e de pôr entre as nossas alegrias a tristeza e o amargor da paz que a outros falta. Mas nós fazemos votos por que a Providência inspire os Chefes e Governos de todo o mundo com sentimentos de justiça e de amor dos homens, de modo que encontrem solução para as terríveis dificuldades do momento e possam chegar à paz que certamente todos desejarão.

Incumbe-nos desejá-la ardentemente, trabalhar por ela com afincamento e com tódas as nossas forças, mas ter o ânimo preparado para as dificuldades, perigos ou sacrifícios que podem ser-nos impostos pelas circunstâncias. Ousamos entretanto esperar que estas nos sejam propícias e que o novo ano seja para todos Bom e Feliz Ano.

D A C I D A D E

VIDA CATÓLICA

Domingo antes da Epifânia

Evangelho (Luc., II, 21). — Depois que foram completos os oito dias para ser circuncidado o Menino, foi-lhe pôsto o nome de Jesus, como lhe tinha chamado o Anjo, antes de êle ser concebido no ventre de sua mãe.

Homilia. — Não é sem motivo que o Evangelho chama a nossa atenção para o nome divino o significativo de Jesus, dado ao Salvador neste dia mas anunciado desde o momento da sua conceição no seio de Maria. E' para nos excitar a meditarmos continuamente na sua excelência e virtude, porque ao contrário dos nomes, que usam os homens, êste nome sagrado opera aquilo que significa.

Excelência do nome de Jesus. Notemos, em primeiro lugar que êste nome não é de invenção humana. Vem do Pai ceieste que desde tôda a eternidade o deu a seu divino Filho e no tempo o anunciou a Maria Santíssima, a S. José por intermédio do Anjo S. Gabriel. *Vocabis nomen ejus Jesum.* Só Deus podia dar ao seu Verbo feito carne um nome apropriado, porque só êle também conhecia adequadamente, desde tôda a eternidade, a sua natureza e a sua missão.

Efectivamente êste nome indica não só que Nosso Senhor é Deus, mas também que é Salvador dos homens. Daí aquêlê pensamento dos santos segundo o qual o nome de Jesus está acima do nome de Deus, porque êste designa Deus só enquanto é Criador e Senhor, ao passo que aquêlê indica além disso as qualidades de Salvador e Redentor.

Virtude do nome de Jesus. E' como acabamos de dizer, um nome terrível para os demónios. Este nome sagrado fá-los tremer, obriga-os a prostrarem-se, põe-nos em fuga e faz-nos triunfar deles: *in nomine meo daemônia ejicient.* David, crescendo para

Golias com a sua funda, disse-lhe por que esperava vencer: *Ego venio ad te in nomine Domini.*

Do mesmo modo nós podemos triunfar do demónio e dos seus ataques pelo nome de Jesus. Este nome também será terrível na morte e no juizo para os ímpios, para os blasfemadores e para todos os que desprezaram a Jesus, o seu salvador, rejeitaram a sua doutrina e as suas graças, perseguiram os seus amigos e a sua Igreja.

Como nós devemos honrá-lo. Pronunciando-o o maior número de vezes que nos fôr possível. S. Paulo, cheio de amor por êste nome sagrado, repetiu-o mais de 240 vezes nas suas cartas; e, depois que lhe deceparam a cabeça, a sua língua ainda o pronunciou uma vez. Mas tenhamos cuidado, não devemos repeti-lo senão com respeito, com grande devoção e amor.

A exemplo do próprio Deus e de alguns Santos, tenhamos o piedoso costume de nada recusar do que se peça em nome de Jesus, desde que esteja em nosso poder. Vigiemos para que tôdas as nossas acções sejam feitas em nome de Jesus.

Se eu vigio ou descanso; se estudo ou escrevo; se rezo ou trabalho, serei sempre com Jesus, farei tudo em união com Jesus; a minha vida hei-de passá-la na sua doce companhia, porque «estar com Jesus é um doce paraíso». Se estiver doente, Jesus será o meu médico e o meu socorro. Quero morrer entre os seus braços e que a minha última palavra seja a do seu Santo nome.

Reflecti bem, meus irmãos, em tudo isto, repassai no vosso coração muitas vezes as excelências e a virtude do nome de Jesus. Esta recordação fortificar-vos-á, consolar-vos-á, santificar-vos-á e tornar-vos-á cada vez mais dignos de Jesus e do céu. Que Deus vos conceda esta graça, pelo nome amorável de Jesus. Amen.

gos Mendes Fernandes e António Joaquim de Magalhães; substitutos: Belmiro dos Santos Martins, António Faria Martins e Avelino Ferreira de Araújo.

Conselho Fiscal — Presidente, António José Pereira; Relator, dr. Alberto Rodrigues Milhão; vogal, Joaquim de Azevedo.

Conselho Artístico — Filinto Nina de Andrade, padre Avelino Pinheiro Borda e António Guise.

Que os ex.^{mos} corpos gerentes encontrem tôdas as facilidades para o prosseguimento das suas altas finalidades são o nosso desejo.

Missa

O comendador sr. Nicolau Cardoso Guimarães, residente no Rio de Janeiro, mandou celebrar, na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, a exemplo dos anos anteriores, duas missas, em sufrágio da alma de seus pais.

Findo o religioso acto, foram distribuídas esmolas de 10\$00 a 100 pobres, desta cidade.

Creche de S. Francisco

Em seu benefício realizar-se-á, no próximo dia 11, no Teatro Martins Sarmiento, uma sessão cinematográfica.

E' dever dos vimezanenses auxiliarem esta casa de caridade que tem tido uma vida difícil ultimamente.

Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Têxtil do Distrito de Braga, com sede em Guimarães

Sob a presidência do sr. Manuel Magalhães e com a presença dos srs. Manuel de Araújo e Francisco Gomes Alves Ferreira, respectivamente, secretário e tesoureiro, reuniu, no dia 20 do corrente, em sessão ordinária, a direcção do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Têxtil do Distrito de Braga, com sede em Guimarães.

Depois de ser lida a acta da sessão anterior — que foi aprovada, — deu-se despacho a vários expedientes recebidos.

Seguidamente, o sr. presidente fez sentir aos seus colegas de ter acompanhado de perto a distribuição de senhas para o bôdo do Natal, que êste Organismo Corporativo destina aos sindicalizados desta indústria e que se encontram desempregados, a fim de evitar contrariedades, pois é seu desejo tornar extensivo aos lares necessitados o conforto na noite da Festa da Família.

Não havendo mais nada a tratar, por aquêlê senhor foi encerrada a sessão cerca das 19 e meia.

AVISO

Por determinação do Ex.^{mo} delegado do I. N. T. P. em Braga e para conhecimento dos interessados, faz-se público que quaisquer listas ou nomes de indivíduos a submeter ao próximo sufrágio eleitoral, para os corpos gerentes d'êste organismo corporativo, devem ser-lhe comunicados com indicação das respectivas idades, moradas, empresas onde trabalham, especialidades profissionais, etc., até 15 dias antes da data marcada para o referido acto.

A falta de formalidade e da notificação ao interessado, pelo delegado, da sua con-

Falecimento

Finou-se, ultimamente, nesta cidade, com 65 anos, a sr.^a D. Emília Pereira da Costa, espôsa amantíssima do sr. José da Costa Oliveira.

A extinta era muito respeitada no meio vimezanense, pelos seus excelentes predicados de espirito.

A família dorida apresentamos sentidas condolencias.

Um benemérito

No dia do seu aniversário distribuiu o sr. Comendador Paulo Felisberto da Fonseca algumas centenas de contos pelas casas de caridade de Portugal e Brasil. Na nossa terra foram contempladas o Asilo de Santa Estefânia com 10.000\$, Casa dos Pobres com 2.000\$00, além de outros.

Deus o guarde.

Taxa Militar

Não esquecer que começou em 1 de Janeiro e até 28 de Fevereiro está em pagamento.

Morte

Foi encontrado morto, em S. Cláudio de Barco, o conhecido mendigo «Malhão». Não houve crime.

cordância com os nomes propostos, será motivo para que êste magistrado informe desfavoravelmente Sua Excelência o Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social se, porventura, vierem a ser eleitos para quaisquer cargos directivos deste Sindicato, o que os impedirá de tomar a respectiva posse e entrar nos exercícos das funções para que tenham sido eleitos.

Secretaria do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Têxtil do Distrito de Braga, com sede em Guimarães, 30 de Dezembro de 1939.

O Presidente da Assembleia Geral,

António Pereira

CASA DOS POBRES

Assemblea Geral do dia 31 de Dezembro

Em virtude de se terem demitido 5 membros da Direcção, foram eleitos, para o biénio 1940-41 os senhores:

João Teixeira de Aguiar, Mário de Sousa Menezes, Camilo Laranjeiro dos Reis, Humberto Guimarães Pinheiro e Manuel Magalhães.

Movimento durante o mês

Subsídios em dinheiro a 294 pobres, 5.854\$50; idem, para renda de casa, a 58 pobres, 1.166\$50; idem, para transporte aos inválidos, escudos 20\$00; pernoitaram no albergue 259.

Barbearia — barbas, 398; cortes de cabelo, 105.

Balneário: banhos, 240; com despiohamento, 10.

Refeições fornecidas aos pobres: sopas, 11.719; pães, 11.719; pratos, 500; com vinho, 890.

Ceia do Ano Novo: pratos, 530; com vinho, 330; pratos de arroz doce, 530.

(Continua na página seguinte)

NOTICIÁRIO

Aniversários

- 4 — D. Madalena Carvalho Jacinto.
- 7 — D. Ana Maria Luiza de Melo Breyner C. de Menezes.
- 8 — D. Helena Maria Cardoso de Menezes Margaride.
- 13 — Viscondessa de Pindela.

Casamento

Na paróquia de Mesão-Frio, d'êste concelho, realizou-se o casamento da sr.^a D. Rosa do Carmo Gonçalves Martins, filha do estimado capitalista, sr. Gaspar Lopes Martins, com o sr. António Cardoso Rodrigues, industrial, filho do também industrial, de S. Martinho de Candoso, sr. Joaquim da Silva Marques Rodrigues, e de sua sua espôsa a sr.^a D. Laurinda da Costa Cardoso.

Foi celebrante o rev.^o João de Oliveira que proferiu uma brilhante alocução.

Aos noivos desejamos mil venturas.

«Ressurgimento»

Agradece a todos os seus ex.^{mos} assinantes e colaboradores os desejos de Boas-Festas e votos dum Novo Ano próspero que nos enviaram.

Orfeão de Guimarães

Realizou-se a assembleia geral do Orfeão de Guimarães, sendo eleitos os seguintes corpos gerentes, para o ano de 1940:

Assembleia geral — Presidente, padre Augusto José Borges de Sá; vice-presidente, Manuel Alves de Oliveira; 1.^o secretário, Hernani Joaquim da Silva Guimarães; idem 2.^o António da Fonseca Ferreira.

Direcção — Presidente, padre José Carlos Simões Veloso de Almeida; vice-presidente, tenente Mário Pinheiro; 1.^o secretário, Aurelio Barros Martins; idem, 2.^o José Ribeiro Machado; tesoureiro, Luiz de Moura Nunes; vogais, Domin-

Ter a mão firme...

Apresenta-se o orçamento de 1940 o primeiro depois de termos guerra na Europa e já duramente atingido por ela. Diante do acontecimento e das suas graves repercussões, pouco sentido faria nos entretivessemos a sublinhar, como de costume, os pequenos novos factos de receita e despesa de que o orçamento poderia ser em tempos normais a tradução fiel. Importa desta vez examinar o problema em conjunto e apenas nas suas grandes linhas, isto é, nas suas maiores dificuldades: será assim mais fácil apreciar as soluções que se adoptam.

Para não sobrecarregar os contribuintes além do estritamente necessário e reservar a capacidade tributária do País para esforços mais sérios que possamos ser ainda obrigados a fazer, entendeu-se razoável aproveitar algumas reservas orçamentais constituídas pela prudente avaliação das receitas sistematicamente praticada nos nossos orçamentos.

Só para não estar a acumular anúncios tristes é que não se faz neste momento mais extensa alusão às acumulações de profissões civis fora do Estado, aos dividendos de empresas além de certa medida e às largas receitas de alguns monopólios ricos, que todos devem ser chamados, mormente em momentos de crise, a contribuir para as despesas públicas com mais largueza do que até ao presente. Mas o assunto terá o seu lugar e a sua oportunidade.

Ficaram nos capítulos anteriores, esparsas, reflexões várias sobre os factos desta hora e os princípios a que tem de obedecer a nossa acção. Não vou resumir aqui; mas se posso dar em frase curta uma ideia do que importa essencialmente aos governantes na terrível tempestade que assola o mundo, direi apenas que é essencial saber bem o norte e ter a mão firme ao leme.

SALAZAR.

Política de Verdade

Um ilustre presidente duma das nossas Câmaras de provincia e nosso amigo notava que alguém pela insidia tentava fazer com que resultassem infrutíferas demarches que fazia em Lisboa para receber subsídios para realizações de seu concelho. Pôs-se a caminho da Capital e tudo contou lealmente, sendo reposta a verdade no seu lugar. Nossos parabéns.

Preço da assinatura

Anual	24\$00
Semestre	12\$00
Trimestre	6\$00
Avulso	\$50

Visado pela Comissão de Censura

Relatório da gerência camarária no ano de 1938

Entre as vinte linhas de considerações que fazem parte do relatório da gerência camarária de 1938 a que já nos referimos, encontram-se as seguintes: «Apesar disso o saldo da gerência foi de 376.584\$77, para o que contribuiu a circunstância de não serem pagas despesas consideráveis feitas nesse ano.»

Está claro, claríssimo que, seguindo o processo já apontado de afirmar sem provas, não se apresenta qualquer dessas despesas consideráveis que não foram pagas. E se elas existissem não seria nada difícil ao autor do relatório enumerá-las, pois dispõe de todo o arquivo da Câmara. Nós, porém, não só não dispomos dele, mas, em virtude de ordens dadas na secretaria, ser-nos-ia muito difícil conseguir quaisquer elementos para estudarmos os problemas aqui versados. Temos por isso de nos servir de meios indirectos para elucidar os nossos leitores.

O Código Administrativo, em seu artigo 576.º, regra 3.ª, dispõe o seguinte:

«As dívidas passivas que tenham transitado do ano anterior serão descritas pela importância de cada uma delas, nome do credor, natureza da dívida, data da liquidação e da autorização e declaração dos motivos por que não foram pagas no ano a que se referir a autorização.»

Por virtude desta disposição legal as tais despesas consideráveis que não foram pagas devem figurar como dívidas passivas no orçamento aprovado em fins de 1938, para vigorar no ano de 1939. Temos em nosso poder uma cópia desse orçamento, que nos não foi cedida pela Câmara, diga-se de passagem, e que nos vai esclarecer.

O cap. XXI compreende as Dívidas Passivas e soma 105.132\$50. Não se trata, evidentemente, duma importância despreciable, mas a verdade que ressalta do orçamento é que tal importância não é devida a despesas consideráveis que não foram pagas, mas a simples atrasos de pagamentos às corporações de Bombeiros Voluntários do concelho, atrasos que vêm de longe, que se podem considerar normais e que figuram no or-

çamento devido àquela disposição da lei acima citada.

O que provavelmente aconteceu, e dizemos provavelmente porque não dispomos dos elementos necessários que se encontram na secretaria da Câmara, foi pagar-se em 1938 o que se devia entregar às corporações de Bombeiros em 1937 e no orçamento para 1939 inscreveram-se como dívidas passivas as importâncias de 1938 e no lugar próprio os subsídios e percentagens de 1939.

A importância das dívidas passivas no orçamento de 1939 foi de	105.132\$50
As quantias a pagar às corporações de B. V. somam	83.330\$70
As restantes dívidas são pois de	21.801\$80

Perto de 22 contos, como vêem; não é cousa que espante ninguém num orçamento de 2.500 contos de receitas ordinárias.

Talvez o relatório se queira também referir a uns 60 contos que a firma Bernardino Jordão, Filhos & C.ª deixou de receber da Câmara pelo fornecimento de energia eléctrica para a iluminação das ruas e largos da cidade e das repartições públicas a cargo da Câmara; mas é sabido que aquela firma não recebeu o que a Câmara lhe devia, porque não quis; não foi a Câmara que se recusou a pagar-lhe o que devia; a Câmara apenas fez à firma um desconto que a própria firma devia ter feito e não fez, e a firma recusou-se, por isso, a receber o que a Câmara estava pronta a pagar-lhe.

É certo que, se esta importância e as que se deviam às corporações dos Bombeiros Voluntários tivessem sido pagas, o saldo da gerência baixaria de 376 para 230 contos aproximadamente, mas assim mesmo ficaria considerável. O que se não pode de forma nenhuma afirmar é que em 1938 a Câmara fez despesas consideráveis que não pagou para fazer avolumar o saldo positivo da gerência.

VERAX.

CASA DOS POBRES

(Continuação da página anterior)

Vestuário fornecido: casacos, 7; calças, 9; camisas, 10; ceroulas, 2; saias, 5; blusas, 4; lenços, 4; mantas, 6.

Cozinha económica — refeições fornecidas aos operários: sopas, 1.167; pães, 1.674; pratos, 2.553; com vinho, 1.122; idem aos presos da cadeia, 1.019; idem aos presos da esquadra, 42,5.

Lactário Municipal (Anexo à Casa dos Pobres — crianças que transitaram de Novembro, 34; admitidas, 7; terminaram 6; passagens às mesmas, 178; consultas, 57; leite consumido, 633,5 litros; farinha consumida, 8,5 quilos.

Donativos recebidos — José Joaquim, 5\$00; Comissão Promotora do banquete de homenagem ao sr. presidente da Câmara, 100\$00; Alfonso Fernandez — Porto —, 50\$00; António Faria Martins, 50\$00; Anónimo, 2.398\$30; P. C. A., 50\$00; D. Ana Emilia Aldão, 12 alqueires de milho; Fábrica de Cortumes de Roldes Ltd., 100\$00; Alberto Pimenta

Machado, 12 cobertores; Major Joaquim Rodrigues de Paiva, 20\$00; António José de Oliveira Foz, 100\$00; Condessa de Margaride, 10 alqueires de milho e 2 rasas de feijão; João Garcia de Almeida Guimarães, 10\$00; Fernando Almeida & C.ª, diversos tecidos; F. Fernandes Guimarães — Porto —, 100\$00; José dos Reis Teixeira, 1 cesto de hortaliça e 50\$00; Sociedade Mercantil do Minho Ltd.ª 100\$00; L. Oliveira & C.ª, 20\$00; Manuel Caetano Martins, 10\$00; Francisco Pacheco Barbosa — Brasil —; 100\$00; Joaquim de Sousa Pinto, 50\$00, Comendador Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca — Rio de Janeiro —, 2.000\$00; Luiz Trepa Ramos, 20\$00; dr. Augusto Luciano Guimarães 20\$00; Luiz Cardoso M. M. de Menezes, 2 rasas de feijão; D. Maria da Conceição T. Aguiar, 40\$00; João Teixeira de Freitas, 15\$00; Maurício Macedo & C.ª, 20 quilos de bacalhau; Ribeiro & Martins Ltd.ª, 10 quilos de bacalhau; António M. R. da Silva, 10 quilos de bacalhau; José da Costa Santos Vaz Vieira, meia pipa de vinho; F.ª

Associação Fúnebre Familiar Operária Vimaranesse

No passado dia 1 de Janeiro, pelas 11 horas, tomaram posse os novos corpos gerentes para o corrente ano, desta importante Colectividade Mutualista Vimaranesse.

Depois de assinado o auto de posse, fizeram uso da palavra os srs. Manuel Cardoso, Manuel Machado, Manuel Gomes de Oliveira, Alfredo Dias da Fonseca, João da Silva e Emilio Pereira de Macedo, os quais focaram o valor deste Baluarte Mutualista, honra e orgulho dos Vimaraneses.

Reunião da nova Direcção

Pelas 12 horas, reuniu a nova Direcção, sob a Presidência do sr. Manuel Gomes de Oliveira, secretariado pelo sr. João da Silva, e estando presentes todos os Directores.

Por proposta do senhor Presidente foi resolvido por unanimidade enviar telegramas de saudação a Suas Ex.ªs os Senhores Presidente do Conselho, Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência e Delegado do Instituto Nacional do Trabalho em Braga. As reuniões foram marcadas para os dias 1 e 15 de cada mês pelas 20 e meia horas. Como nada mais houvesse que tratar, foi encerrada a sessão pelo sr. Presidente às 12 e meia horas.

Ex.ª Presidente do Conselho — Lisboa.

Ao tomar posse Direcção Associação Fúnebre Familiar Operária Vimaranesse sauda V. Ex.ª prestigioso Chefe Revolução Nacional.

Presidente Manuel Gomes de Oliveira.

Ex.ª Sub-Secretário Estado Corporações Previdência — Lisboa.

Direcção Associação Fúnebre Familiar Operária Vimaranesse ao tomar posse seus cargos sauda V. Ex.ª.

Presidente Manuel Gomes de Oliveira.

Ex.ª Delegado Instituto Nacional do Trabalho — Braga.

Direcção Associação Fúnebre Familiar Operária Vimaranesse empossada seus cargos sauda V. Ex.ª.

Presidente Manuel Gomes de Oliveira.

lêde e propagal "Ressurgimento"

brica de Tecidos de Vila Flor, Ltd.ª, diversos tecidos; João Cardoso Macedo — Veiga —, batata, cebolas e hortaliça; António Freitas Ribeiro, 2 rasas de feijão, cebolas e hortaliça; D. Maria M. da Silva Oliveira, cebolas e hortaliça; António Augusto M. Vasconcelos, batata e hortaliça; Viúva de dr. Fernando Gilberto Pereira, hortaliça; Francisco A. da Costa Guimarães, batata e cebola; dr. Augusto J. Domingues de Araújo, cebola e hortaliça; Bernardino Jordão, hortaliça; José Jacinto Júnior, cebolas; José Figueiras de Sousa, hortaliça; Domingos Leite de Castro, hortaliça; C. L. R., 2 almudes de vinho; Constantino Sentoalha, batata e cebola; dr. Sebastião Lobo — Proposto —, hortaliça.

A rua dos Palheiros na Berlinda

Em sessão de 28 de Dezembro findo foi discutido na Câmara Municipal de Guimarães o orçamento ordinário para o ano corrente. Tendo verificado que não se incluíra nêl qualquer verba para continuar as obras na rua dos Palheiros, o sr. vereador dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira apresentou a seguinte proposta:

«Gastou esta Câmara no corrente ano cento e oitenta e tal contos em expropriações de terrenos e casas para melhoramento do local dos Palheiros. Em virtude de circunstâncias várias essas obras ainda não puderam ser iniciadas, mas não deve a Câmara protelar por mais um ano uma obra que se me afigura de muita utilidade e que como tal é reconhecida.

Atendendo à grande dificuldade que há na aquisição de terrenos para construções, havendo mesmo sócios da cooperativa «O Problema da Habitação» que, por não terem facilidade de adquirir terrenos, não têm as suas casas já construídas;

Atendendo também à necessidade de melhorar o trânsito cada vez mais difícil e perigoso não só no cruzamento da rua Francisco Agra com a rua de Santo António mas também nas ruas de acesso aos Paços dos Duques de Guimarães, Castelo, Parque e até ao edifício da Câmara Municipal onde estão instaladas quasi todas as repartições públicas;

E atendendo ainda a que para tam grandiosa obra a principal verba, de expropriações, já está gasta, sem que nada de vantajoso se esteja a colôr;

Tendo em vista que no orçamento apresentado para aprovação da Câmara não consta qualquer verba destinada a esta obra, proponho:

1.º Que de acôrdo com S. Ex.º o Ministro das Obras Públicas, se proceda ao estudo dos melhoramentos no referido local visto em parte incidirem sobre a estrada Nacional que segue a S. Torcato;

2.º Que no orçamento para o ano de 1940 seja incluída a verba de 150 contos para o referido estudo e início das obras.»

Esta proposta, tam sensata, tam razoável e tam conforme aos interesses e aos sentimentos dos vimezanenses, encontrou, por muito extranho que pareça, a mais enérgica e violenta opposição da parte do sr. presidente. Acompanharam S. Ex.º os srs. António Pereira de Lima e José Moreira de Sá e Melo. O sr. dr. Castro Ferreira, mostrando que na defesa dos verdadeiros interesses de Guimarães por nada se deixa intimidar, defendeu a sua proposta com galhardia, sendo acompanhado pelos srs. dr. Augusto Ferreira da Cunha e Joaquim Ferreira Monteiro. Procedendo-se à votação verificou-se o empate, mas o sr. presidente, valendo-se do voto de qualidade que lhe confere o § 1.º do art. 291.º do Código Administrativo, rejeitou a proposta.

Em virtude d'êste resultado deu-se também o *empate* na aprovação do orçamento para o ano de 1940, que foi aprovado com o voto de qualidade do sr. presidente!

No dia 30 reúne a Câmara às 21

CARTA DE LISBOA

Após um forte abalo de saúde, voltamos fielmente às lides da pena, para traçarmos a última carta d'êste tristíssimo ano de 1939.

Festejou-se ontem, em todo o mundo católico, a grande Festa do Natal, que está estruturalmente ligada às tradições religiosas e familiares de cada povo, num íntimo ambiente de alegria, sempre renovado. E' que, a rigor, o dia 25 de Dezembro não significa apenas o nascimento de Jesus Cristo; significa também o renascimento do homem, pela sua redenção espiritual, logo que o Espírito Santo encarnou e se fez Verbo, para resgatar o mundo, das suas misérias e iniquidades.

Dêste modo a Igreja e os seus milhões de fieis encaram a sublime Festa da Natividade, que nos ensina a corrigir e preparar melhor para o novo ano tam próximo: — como homens e como cristãos.

Em Portugal, anda-se agora — Deus honrado! — em permanente estado de graça. Vamos entrar em 1940, com a consciência lavada de culpas, dispostos a honrar cada vez mais os altos ideais por que nos batemos e alcançámos uma vitória, que nos enche de orgulho legítimo e representa para o mundo revoltado e alucinado uma das mais sábias e espiritualíssimas lições de Verdade.

No dia de Natal

Fiquei em casa esta tarde: não porque não tivesse que fazer lá fora, mas porque assim, gozo mais a amplitude d'êste dia na calma doce que é a Família.

Assisti a pôr a mesa e ajudei a preparar o jantar; desci à cave a escolher um bom vinho; enfeitei o Presépio do Natal para as crianças, que afinal somos nós.

E enquanto lá fora a chuva e o vento castigam árvores e ruas, eu aqui em casa deixo-me invadir pelo cheiro d'êste dia — de uma alegria triste, mas boa — e abençoção Deus baixinho.

Festas felizes.

E em cada casa, em cada lar, os homens e as mulheres afaçam-se em mil pequenos trabalhos. Como prêmio terão logo a carita admirada e feliz de um filhinho, ou aquela cara radiante de vida que os vèlhos pais só têm neste dia.

E se percorrermos as ruas e as lojas, vemos por tôda a parte na azáfama de merca — dos brinquedos ou do bolo rei — esta mesma alegria estampada em cada rosto.

Ninguém deixa de comemorar êste

horas, em sessão extraordinária convocada expressamente para reformar a deliberação que havia aprovado o orçamento.

Nessa sessão foi o próprio sr. presidente a propor que no orçamento se consignasse a verba de 160 contos para as expropriações necessárias às obras na Estrada dos Palheiros!

A tratar das comemorações centenárias, explicou o sr. presidente, estivera na véspera em Guimarães o sr. capitão Henrique Galvão, e êste senhor havia-o informado de que o sr. Ministro das Obras Públicas queria que se fizessem obras na rua dos

de Justiça, de Direito — de moral política e cristã.

Emquanto três quartas partes do mundo se degladiam numa luta feroz, sem tréguas, em que ameaça sinistramente o Anti-Cristo vermelho, na sua total subversão de valores e de conceitos — o nosso País soube tornar-se, mercê do esforço próprio, uma perfeita e ridente «zona de paz», disposta a celebrar, no meio da catástrofe quasi geral, a sua grandeza histórica e cristianíssima de oito séculos enormes... outra vez, providencialmente, à sombra da Cruz e pelas leis do Espírito.

Afirmamo-lo, sem hesitar: — o triunfo do *Ano Aureo*, nas grandes comemorações do duplo centenário, constituirá a maior, mais sólida, mais transcendente característica do *Caso português*, perante o mundo, no complexo plano universalista das gigantescas obras construtivas.

Entremos, pois, no ano que se avizinha, de alma e coração abertos para colaborarmos e festejarmos a glória nacional, não como povo adormecido à sombra dos próprios louros, mas como gente insaciável de atingir a possível e humana perfeição.

Lisboa, 26-12-939.

Z. DE M. F.

dia com o tradicional contentamento! E soam bem os votos de boas festas que uns aos outros transmitimos.

Mas, agora como na realidade da vida — um pobre que bateu à porta, um pária que estende a mão, fazem-me ver a verdade:

O que pensava era um sonho, pois por êsse país fora há tantos portugueses que não podem festejar o Natal, porque a miséria lhes arrebatou tudo, e até a família.

Um lar para cada Português, modesto não podendo ser melhor, mas onde possa existir o essencial — a alegria de estar em família — é de facto o problema elementar de tôda a Assistência Social, mesmo de tôda a Sociologia.

Tem-se procurado remediar a pobreza, tem-se tentado dar trabalho a todos, mas nunca poderemos descansar enquanto cada família portuguesa não tiver o seu lar.

Natal 1939.

JOSÉ ANDRESEN LEITÃO.

Palheiros, obras que seriam feitas pelo Estado (Junta Autónoma das Estradas), mas que as expropriações teriam de ser feitas pela Câmara.

O sr. dr. Castro Ferreira observou que afinal a sua proposta não pretendia senão aquilo que o sr. presidente agora propunha, ao que êste retorquiu que a proposta fora então inoportuna ao passo que agora era oportuna. Não percebemos nada, mas é o mesmo; também não pretendemos ter descoberto a pólvora.

E para terminar permitam-nos os nossos leitores que perguntemos: Quem defendeu e bem os interesses de Guimarães?

Salteadores de Estrada

Não há dúvida que os exemplos, sobretudo os maus exemplos, fructificam largamente. O imperialismo russo, coberto aos olhos dos ingénuos e dos «cegos» (passe o paradoxo), com a designação irónica de «comunismo» — anti-nação e anti-imperialismo — prepara-se para prosseguir a obra nefasta do assalto à mão armada.

Porque, em verdade, não se trata realmente de guerra. Já o ataque à Polónia, feito pelas costas e na altura em que se declarava mais uma vez a restrita neutralidade da Rússia, tinha a marca inconfundível do cobarde, do assassino sem escrúpulos e sem honra. A invasão da Finlândia, nação pacífica que pretendia apenas trabalhar tranquilamente sem incomodar ninguém e sem que a incomodassem, não desmentiu a a ideia com que se ficara da atitude soviética. Os mesmos processos, a mesma hipocrisia, a mesma infâmia...

O vèlho sonho da invasão do Ocidente pelo Oriente, do domínio da Europa pela Asia, foi agora incarnado por Estaline com requintes de baixeza. Não é, ao menos, o ataque franco e a peito descoberto. Não, há, sequer, o heróismo dos que combatem lealmente por uma causa, embora injusta. E' a insídica torpe e escondida; há apenas a técnica cobarde da navalha que se não espera.

«A ficção dos blocos ideológicos»

Com êste título, proferiu o sr. engenheiro Silva Dias, ao microfone da Emissora Nacional, a quarta palestra de divulgação da doutrina do Estado Novo, da série promovida pela Comissão de Propaganda da União Nacional.

Dividido o Mundo em blocos ideológicos de luta, como o pretende o critério materialista das democracias, o sr. engenheiro Silva Dias, depois de salientar o vazio de certas expressões sonoras, ou frases feitas, em voga nos séculos XVIII e XIX, e de outras que correm actualmente, conclue, com tôda a justeza, pela falsidade daquela divisão, ou, o que é o mesmo, pela ficção dos ditos blocos, e diz:

«Felizmente, as ficções desfazem-se, os mitos esvaziam-se, porque o clamor dos factos mostra-nos que o carácter da luta que se trava no Mundo não é entre democracias e fascismos, mas entre a Civilização e o Barbárie.»

Tem razão o sr. engenheiro Silva Dias. A luta que se trava no Mundo, começada, pelo menos, no século XVIII, que divinizou a Razão e a Natureza, e continuada depois, no século XIX, que nos deu a campanuda mas falsa trilogia da *Igualdade, Liberdade e Fraternidade*; essa luta, ideológica, sem dúvida, é levada hoje aos extremos de tôda a evolução do mal, que vem do passado, não é entre democracias e fascismos, senão entre o mais profundo e radical da Civilização, e o espírito bárbaro, selvagem, dos que a odeiam de morte, acarinhados por todos os que receberam as suas luzes, mas que a atraçoaram nos seus fundamentos cristãos.